

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEONARDO BURDA WEINHARDT

**DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE HORTALIÇAS E DAS
AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO MUNICÍPIO DE LAPA - PR**

CURITIBA
2017

LEONARDO BURDA WEINHARDT



**DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE HORTALIÇAS E DAS
AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO MUNICÍPIO DE LAPA - PR**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em MBA em Gestão do Agronegócio do curso de Pós-graduação em MBA em Gestão do Agronegócio do Departamento de Economia Rural e Extensão, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Ma. Patricia Aparecida Basniak

CURITIBA
2017

RESUMO

A crescente preocupação mundial com os problemas ambientais e a busca por uma alimentação mais saudável frente aos alimentos industrializados, cada vez mais consumidos, principalmente nos grandes centros, criou uma nova oportunidade para o agronegócio, a produção de alimentos orgânicos. Embora a cadeia produtiva de alimentos orgânicos, como segmento de mercado, seja relativamente nova, a preocupação com as questões ambientais são bem mais antigas. A produção orgânica, principalmente para produtos consumidos frescos ou *in natura* como as hortaliças e frutas é crescente no Brasil e no mundo, sendo uma importante alternativa de mercado para os agricultores familiares, que possuem pequenas propriedades e não conseguem concorrer com os grandes produtores de *commodities*. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo diagnosticar a produção, comercialização e processamento de hortaliças e frutas em sistema orgânico no Município de Lapa – PR, onde esse modelo de produção também é crescente e pode ser favorecido pela sua localização, já que a cidade situa-se a aproximadamente 70km da capital Curitiba, um importante mercado consumidor para esses gêneros alimentícios. Além disso, para garantir o prosseguimento da atividade e a sucessão da produção orgânica de hortaliças no município é necessário dar condições para que os produtores possam continuar no campo e também as futuras gerações manifestem interesse em manter a atividade. Ao longo das entrevistas realizadas percebeu-se a demanda por estrutura e crédito, por auxílio no desenvolvimento de mercado, novos projetos para transformação dos produtos, ações de marketing que incentivem o consumo, entre outras necessidades apontadas nos resultados. Para tal, o poder público, as entidades de assistência técnica e extensão rural, além das cooperativas, associações e grupos de produtores são importantes no desenvolvimento de ações que possam auxiliar e melhorar a produção e comercialização dentro da cadeia de produção orgânica. Dessa forma, analisar as limitações e potencialidades da cadeia produtiva pode ser importante servindo de embasamento para as instituições e o poder público na formulação de projetos e ações que auxiliem o desenvolvimento da atividade nesse local.

Palavras-chave: agricultura orgânica, alimentos orgânicos, orgânicos

ABSTRACT

The growing global concern about environmental problems and the search for a healthier diet in the face of industrialized foods, increasingly consumed, especially in large centers, has created a new opportunity for agribusiness, the production of organic foods. Although the production chain of organic foods, as a market segment, is relatively new, concern about environmental issues is much older. Organic production, especially for fresh or in natura products such as vegetables and fruits, is increasing in Brazil and in the world and is an important market alternative for family farmers who have small properties and are unable to compete with large commodity producers. In this sense, the present work aims to diagnose the production, commercialization and processing of vegetables and fruits in an organic system in the Municipality of Lapa - PR, where this production model is also increasing and can be favored by its location, since the city is located approximately 70km from the capital Curitiba, an important consumer market for these foodstuffs. In addition, in order to guarantee the continuation of the activity and the succession of the organic production of vegetables in the municipality, it is necessary to give the conditions so that the producers can continue in the field and also the future generations show interest to maintain the activity. Throughout the interviews, one can see the demand for structure and credit, for assistance in the development of the market, new projects for the transformation of products, marketing actions that encourage consumption among other needs pointed out in the results. To this end, public authorities, rural technical and extension agencies, as well as cooperatives, associations and producer groups are important in the development of actions that can help and improve production and marketing within the organic production chain. In this way, analyzing the limitations and potentialities of the productive chain can be important as a basis for institutions and public power in the formulation of projects and actions that help the development of the activity there.

Keywords: organic agriculture, organic food, organic

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: PRINCIPAIS VANTAGENS OBSERVADAS PELOS AGRICULTORES COM RELAÇÃO AO SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.*	32
GRÁFICO 2: DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PRODUTORES NA UTILIZAÇÃO DO SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.*	32
GRÁFICO 3: OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PROPRIEDADE ALÉM DO CULTIVO DE HORTALIÇAS ORGÂNICAS.....	35
GRÁFICO 4: PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PELOS ENTREVISTADOS NO CULTIVO DE HORTALIÇAS.	36
GRÁFICO 5: PRINCIPAIS INVESTIMENTOS DEMANDADOS POR AGRICULTORES PARA INCREMENTO DA PRODUÇÃO DE OLERÍCOLAS.	39
GRÁFICO 6: QUESTÕES RELATIVAS AS AGROINDUSTRIALIZAÇÃO APONTADAS PELOS AGRICULTORES.	43
GRÁFICO 7 CRITÉRIOS ADOTADOS PELOS AGRICULTORES NA FORMAÇÃO DO PREÇO DOS PRODUTOS.	45

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DA FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS E A RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO AMOSTRADA.....	29
TABELA 2: ANÁLISE DO TEMPO QUE O AGRICULTOR ESTÁ NA ATIVIDADE AGRÍCOLA X HÁ QUANTO TEMPO DESENVOLVE O CULTIVO DE HORTALIÇAS. (n=32)	30
TABELA 3 NÚMERO DE PROPRIEDADES DE ACORDO COM A ÁREA MÉDIA E A ÁREA DESTINADA AO CULTIVO DE HORTALIÇAS.....	34
TABELA 4: PRINCIPAIS VANTAGENS E DESVANTAGENS APONTADAS PELOS AGRICULTORES COM RELAÇÃO AOS PROGRAMAS DE VENDAS INSTITUCIONAIS. RESPOSTAS NÃO EXCLUDENTES (N=32).	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 DEFINIÇÕES	11
3.2 HISTÓRICO DO SISTEMA ORGÂNICO	11
3.2.1 A evolução da agricultura orgânica no Brasil	14
3.2.2 O processo de certificação dos agricultores orgânicos	15
3.2.3 A comercialização dos produtos.....	17
3.2.4 Transformação dos produtos na agricultura familiar	18
3.2.5 A importância da gestão na agricultura	20
3.2.6 A importância da agricultura orgânica na Lapa	21
3.2.6.1 A Lapinha Orgânicos e o desta da agricultura orgânica lapeana	23
4 MATERIAL E MÉTODOS	25
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	25
4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES.....	26
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS AGRICULTORES	29
5.2 ANÁLISE DO PERFIL DAS PROPRIEDADES E DA PRODUÇÃO.....	33
5.3 ANÁLISE DO ACESSO A CRÉDITO E INVESTIMENTOS	33
5.4 ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS.....	39
5.5 TRANSFORMAÇÃO DE PRODUTOS	42
5.6 GESTÃO DAS PROPRIEDADES.....	44
5.7 O CASO DA LAPINHA ORGÂNICOS	45
6 CONCLUSÕES	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é crescente a preocupação da população com a qualidade de vida, a busca por hábitos mais saudáveis e a preservação do meio ambiente para as futuras gerações. Esse fato pode ser observado pelo aumento do número de pessoas que deixam os grandes centros em busca de cidades menores ou até mesmo zona rural, procurando deixar o estresse, o barulho e o trânsito das grandes cidades e partindo em busca da tranquilidade. Outro fato que evidencia essa preocupação é a mudança dos hábitos alimentares, buscando cada vez mais o consumo de alimentos naturais, produzidos sem agrotóxicos e de modo a agredir menos o ambiente de produção.

A mudança do hábito alimentar da população, principalmente dos grandes centros, gerou uma demanda pelos produtos orgânicos e/ou agroecológicos, que são aqueles produzidos de modo a preservar o ambiente de produção, a saúde das pessoas envolvidas no processo produtivo e principalmente a saúde dos consumidores. Conforme demonstrado por DRESCH & ANDRADE (2010), o mercado brasileiro de produtos orgânicos, apesar de ainda discreto, apresenta taxas de crescimento, superiores às de outros mercados já estabilizados.

Essa busca por alternativas mais saudáveis na alimentação, para o agronegócio, se traduz como uma nova oportunidade de negócio, já que nas capitais e grandes cidades não há espaço suficiente para o cultivo de hortaliças e frutas, e nesses locais as pessoas desenvolvem outras atividades como comércio e prestação de serviços e não tem tempo para se dedicar à produção dos seus próprios alimentos sendo obrigadas a comprá-los. Por outro lado, o produtor que passa a produzir no sistema orgânico, embora tenha um trabalho mais oneroso, agrega maior valor ao seu produto, criando um novo nicho de mercado, destinado a pessoas que estão dispostas a pagar um valor mais alto por alimentos mais saudáveis e nutritivos, em busca de uma melhor qualidade de vida.

Seguindo esse contexto, o município de Lapa, localizado na região leste do Estado do Paraná, encontra-se bem posicionado, pois está situado a apenas 70km da capital Curitiba, e possui produção expressiva de hortaliças e frutas no sistema de produção orgânica, contando com aproximadamente 235 agricultores certificados de um total aproximado de 360 produtores de hortaliças no município, excluindo-se aqueles que trabalham como monocultura de batata e cebola. Esses agricultores possuem certificação de modalidade participativa, e para tal estão organizados em 14 grupos de acordo com as regiões do município e afinidade entre seus membros, podendo haver conforme o caso, vários grupos em uma mesma localidade, ou grupos que abrangem várias localidades do município. Estes grupos são filiados ao Núcleo Maria Rosa da Anunciação, que está presente em nove municípios incluindo a Lapa e conta com aproximadamente 30 grupos de produtores já filiados, e que por sua vez é filiado a Rede Ecovida de Certificação Participativa, estando, dessa forma, aptos a comercializar em todo o território nacional e também atender aos requisitos de legislação para participar de programas de aquisição do governo como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Desse modo, torna-se importante a identificação das principais necessidades e limitações desses produtores em diversos aspectos como os relacionados ao acesso a recursos, assistência técnica e meios de produção, processamento e comercialização dos produtos, de forma a colaborar com o desenvolvimento da atividade e o crescimento da produção orgânica de hortaliças e frutas no município, podendo garantir aumento na renda dos produtores e também oportunidades de trabalho para os técnicos da região.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Realizar um diagnóstico da agroindústria familiar e produção, processamento e comercialização de hortaliças e frutas orgânicas no município de Lapa-PR, para identificar as limitações e potencialidades do setor e propor melhorias e soluções.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar as maiores limitações dos agricultores familiares em acessar recursos financeiros;
- b) Analisar os meios de produção de hortaliças e frutas no sistema orgânico e de processamento de produtos nas agroindústrias familiares;
- c) Identificar as maiores dificuldades dos agricultores familiares em comercializar os seus produtos e acessar novos mercados;
- d) Compreender a dificuldade dos produtores na certificação da propriedade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 DEFINIÇÕES DE ORGÂNICOS

Alimentos orgânicos são aqueles produzidos a partir de um sistema produtivo que contempla diversas técnicas que visam preservar o ambiente e a saúde dos produtores e dos consumidores, como a não utilização de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos de alta solubilidade. Segundo a legislação vigente no Brasil, como disposto na Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003, no seu Art.1º define:

Art. 1º Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

No Art.2º da lei citada anteriormente, está definido que o produto orgânico, *in natura* ou processado, é aquele obtido em sistema orgânico de produção agropecuário ou oriundo de processo extrativista sustentável e não prejudicial ao ecossistema local.

Existem ainda outros conceitos de produção orgânica e sistema orgânico de produção, como a de Lima e Sabino, (2011):

“A agricultura orgânica é aquela que propõe o cultivo da terra para a produção de alimentos saudáveis, sem o uso de produtos químicos tóxicos à saúde humana e dos animais, bem como sem contaminar a água, o solo e o ar, ou seja, ela deve ser ecologicamente sustentável, mas também economicamente viável, com relações sociais justas e culturalmente aceitáveis.”

3.2 HISTÓRICO DO SISTEMA ORGÂNICO

Em uma visão contrária à da Revolução Verde que vinha acontecendo no mundo na década de 1960 com a difusão de tecnologias, o advento das máquinas para o cultivo de solo, e a criação de fertilizantes químicos sintéticos, baseados em estudos como o de Liebig (1803-1873) que defendia que o aumento da produção agrícola era diretamente proporcional à quantidade de

substâncias químicas incorporadas ao solo, iniciava-se um movimento baseado em uma agricultura mais sustentável, visto que o modelo criado anteriormente, e apoiado nas monoculturas, utilização intensiva do solo, no uso de fertilizantes “artificiais” estava chegando a um processo de esgotamento, redução da biodiversidade e conseqüente aumento de pragas agrícolas, erosões de solo e perda de fertilidade resultando em queda da produtividade. (PLANETA ORGÂNICO, 2011).

Seguindo esse novo modelo de uma agricultura mais voltada aos processos naturais e com uma visão mais ecológica, o início dos questionamentos quanto ao modelo de agricultura que vinha sendo praticado e a busca por modelos mais sustentáveis foi marcado entre outras passagens, pela publicação da obra *Primavera Silenciosa* (traduzido do inglês *Silent Spring*) de Rachel Carson no ano de 1962, conforme evidenciado que: “dentre outras constatações que marcaram o início do questionamento das bases tecnológicas do padrão convencional uma delas teve um papel fundamental: a publicação da bióloga marinha do *U.S. Fish and Wildlife Service*, Rachel Carson, intitulada, *Primavera Silenciosa*” (EHLERS, 1994).

De acordo com essa mesma linha de pensamento e seguindo a teoria malthusiana onde se relacionava o aumento da degradação ambiental com o crescimento populacional surgiram outras publicações como o “*The Population Bomb*” (Paul Erlich, 1966), e “*Tragedy of the Commons*” (Garret Hardin, 1968), mas o que se observava era a sequencia do modelo de agricultura convencional que continuava agravando os danos ambientais.

Um grande passo se deu mesmo nos anos 70 com a difusão de novas ideias e a proposta de um modelo de agricultura alternativa, com a criação da IFOAM (*International Federation on Organic Agriculture*) no ano de 1972 em Versalhes na França, com o objetivo de fortalecer a agricultura alternativa. Segundo Ehlers, (2000) as principais atribuições das entidades associadas seriam a troca de informações, a harmonização internacional de normas técnicas e a certificação de produtos orgânicos.

Na mesma década de 1970, no Brasil, alguns pesquisadores contribuíram para contestar o modelo vigente, e da mesma forma houve a publicação de trabalhos relevantes visando influenciar a visão de produtores, pesquisadores, profissionais da área de ciências agrárias e do público em

geral, como o “Manifesto ecológico brasileiro: o fim do futuro?” de José Lutzemberger, publicado no ano de 1976, propondo uma agricultura de base mais ecológica, e a publicação de Adilson Paschoal, no ano de 1979, “Pragas, praguicidas e crise ambiental”, demonstrando que o aumento das pragas nas lavouras era devido ao crescimento no uso de agrotóxicos que acabavam eliminando também os inimigos naturais.

Foi durante a década de 1980 que o conceito de agricultura alternativa passou a ganhar força com a realização de três Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs), nos anos de 1981, 1984 e 1987, sendo que a partir do terceiro encontro houve ainda alguns Encontros Regionais de Agricultura Alternativa (ERAAs), além do surgimento de várias ONG's ligadas a agricultura, aumento do interesse da opinião pública por questões ambientais e a adesão de técnicos e pesquisadores ao movimento alternativo. Esse modelo então passa a se firmar definitivamente no Brasil e em parte do mundo no início da década de 1990 com a realização da Conferência Mundial ECO92 e o surgimento do conceito de Sustentabilidade, em que as nações passaram a expressar a vontade de reconciliar desenvolvimento econômico e questões ambientais. No ano de 1999 o Brasil deu seu passo principal no rumo da agroecologia com a publicação da Instrução Normativa 007 de 1999 e a criação de criação de um Órgão Colegiado Nacional e dos respectivos órgãos estaduais, responsáveis pela implementação da Instrução Normativa e fiscalização das certificadoras e a exigência de que a certificação seja conduzida por entidades nacionais e sem fins lucrativos (BRASIL, 1999).

Por fim, o marco legal da produção orgânica no Brasil, se dá apenas a partir do ano de 2007 com a publicação do Decreto nº 6.323 de 27 de dezembro de 2007 que entre outras providências regulamenta a Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003, criando uma legislação inédita no país com a finalidade de coordenar o modelo agroecológico de produção, fiscalizar e certificar os produtos orgânicos, seu processamento e comercialização com bases em normas e preceitos legais.

Traçando um breve panorama da produção orgânica, conforme relatado na pesquisa do FiBL-IFOAM, a agricultura orgânica com certificação está presente em 170 países até o final do ano de 2013 (apresentando um aumento

referente aos 164 países observados ao final de 2012) (Willer,H. & Lernoud, J.; FiBL-IFOAM, 2015).

A mesma pesquisa apontou que havia no mundo, em 2013, 43,1 milhões de hectares de agricultura orgânica incluindo as áreas em conversão. Considerando as regiões onde estão as maiores áreas de cultivo orgânico, em primeiro está a Oceania (17,3 milhões de hectares, representando 40% das terras em cultivo orgânico do mundo), seguida de Europa (11,5 milhões de hectares, 27%), América Latina (6,6 milhões de hectares 15%), Ásia (3,4 milhões de hectares, 8%), América do Norte (3 milhões de hectares, 7%) e África (1,2 milhões de hectares, 3%). Os maiores países produtores em termos de área são: Austrália (17,2 milhões de hectares), Argentina (3,2 milhões de hectares), e os Estados Unidos (2,2 milhões de hectares). O Brasil, considerando-se a área cultivada com agricultura orgânica no planeta, ocupa a 11ª posição com 705.233 hectares (Willer,H. & Lernoud, J. citados por FiBL-IFOAM, 2014).

Ainda segundo Willer,H. & Lernoud, J. (FiBL-IFOAM, 2014) aproximadamente um quarto das terras agricultáveis do mundo (11,7 milhões de hectares) e mais de 80% (1,7 milhões) dos produtores estão nos países em desenvolvimento e nos mercados emergentes, e que apesar de quase 90% das áreas de cultivo orgânico tenham dados disponíveis, países com grandes áreas de cultivo de base orgânica como Austrália, Brasil e Índia dispõem de pouca ou nenhuma informação.

Os mesmos autores relatam que no ano de 2013, o mercado global de bebidas e alimentos orgânicos movimentou aproximadamente 72 bilhões de dólares, sendo que os maiores mercados foram Estados Unidos e União Européia que juntos responderam por mais de 90% das receitas. A FiBL-IFOAM (2015), não dispõe de dados numéricos sobre o mercado de orgânicos no Brasil, informando apenas que a rede Pão de Açúcar é o maior varejista de produtos orgânicos do país.

3.2.1 A evolução da agricultura orgânica no Brasil

Em notícia pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2015), em sua página oficial na internet, relata um crescimento de

51,7% no número de produtores que aderiram ao mercado de produtos orgânicos em um ano, passando de 6.719 produtores em janeiro de 2014 para 10.194 produtores em janeiro de 2015. A mesma publicação ainda aponta um crescimento significativo no número de unidades produtivas no mesmo período, saltando de 10.064 propriedades para 13.323 propriedades, um aumento relativo de 32%. Segundo o MAPA, (2015), a produção orgânica no Brasil atinge uma área de quase 750 mil hectares, sendo que a maior concentração está na região Sudeste (333 mil hectares), seguida pelas regiões Norte (158 mil hectares), Nordeste (118,4 mil hectares), Centro Oeste (101,8 mil hectares) e Sul (37,6 mil hectares).

Informações sobre o mercado brasileiro de produtos orgânicos, segundo o Censo Agropecuário (2006, citado por IPD, 2011) mostram que as vendas totais de produtos orgânicos no país atingiram valor da ordem de R\$ 1,3 bilhões e que deste total, apenas R\$350,9 milhões eram de estabelecimentos certificados por alguma entidade credenciadora. No Estado do Paraná o total de receitas com produtos orgânicos, ainda segundo o Censo Agropecuário de 2006 atingiu valores superiores a 100 milhões de reais, dos quais aproximadamente 30 milhões foram comercializados por produtores certificados (IPD, 2011).

A pesquisa do IPD ainda retrata que em 2011, segundo informações do Grupo Pão de Açúcar, as redes de supermercado eram responsáveis por 77% do total das vendas de produtos orgânicos no país.

Outro canal importante de comercialização de produtos orgânicos são as políticas públicas do Governo Federal para aquisição de alimentos da agricultura familiar como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), instituído pelo artigo 19 da Lei nº 10.696/2003, garante que todos os recursos do Programa só podem ser gastos na aquisição de alimentos produzidos pelos produtores familiares e/ou suas organizações (IPD, 2011).

3.2.2 O processo de certificação dos agricultores orgânicos

Com o processo de globalização e a comercialização atingindo distâncias mais longas, apenas a confiança na palavra de vendedores e/ou

fornecedores deixou de ser suficiente para garantir a procedência e a qualidade dos produtos. Baseando-se nessa linha de pensamento a cadeia de produção orgânica também necessitava de uma garantia ou comprovação de que os seus produtos seguiam as normas estabelecidas pela legislação no que tange aos processos produtivos e aos insumos utilizados, atestando que apenas os produtos permitidos estabelecidos em lei sejam aplicados na produção orgânica, e também que os processos produtivos reduzem o impacto e buscam a preservação do meio ambiente.

Então a melhor maneira encontrada para obter essa garantia é a rastreabilidade, garantindo ao consumidor que o produto que ele está adquirindo foi realmente produzido dentro de um processo de cultivo de base orgânica ou agroecológica é por meio da certificação dos produtos, que pode ser realizada basicamente em três modalidades: auditada, participativa e facultativa.

Na modalidade auditada, os agricultores recebem na propriedade a visita de um inspetor que irá avaliar a propriedade, os processos de produção, os produtos utilizados, identificando os pontos a serem corrigidos e indicando os procedimentos que devem ser adotados para adequar os problemas encontrados. As visitas são realizadas geralmente uma vez ao ano, onde podem ser recolhidas, eventualmente, algumas amostras para análise de resíduos de agrotóxicos e outros produtos. Se depois da análise nenhum problema for identificado a propriedade recebe o certificado. No Estado do Paraná existem algumas empresas capazes de prestar esse serviço com reconhecimento para comercialização no mercado interno e externo, como por exemplo o IBD e a TECPAR (SENAR, 2007).

Na modalidade participativa há uma ação conjunta de produtores técnicos e consumidores participando ativamente. Os agricultores se organizam em grupos e reúnem-se aproximadamente uma vez por mês em sistema de rodízio visitando as propriedades para avaliar a situação e propor melhorias. Dessa forma o grupo se autorregula e um avalia o outro, sob pena de perda do certificado para o agricultor que descumprir as regras e até para o grupo dependendo o caso de ocultação de alguma ocorrência com um dos membros do grupo. Ainda durante o ano o grupo local recebe a visita de outro grupo da região, o que é chamado de “olhar externo” e é importante para que

haja transparência e troca de experiências entre os grupos. No Estado do Paraná há uma rede de certificação que abrange os três estados do sul do país, e que atinge somente o mercado interno, chamada de Rede Ecovida de Certificação Participativa.

Já a modalidade facultativa é mais voltada para os agricultores que comercializam seus produtos diretamente aos consumidores. Para isso deverão realizar um processo de organização e controle social, e cadastrar a organização junto ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, e permitir o livre acesso do MAPA e dos consumidores nas áreas de produção e processamento, para dessa forma assegurar a rastreabilidade.

Para realizar o processo de certificação os agricultores precisam definir qual a modalidade a ser adotada, de acordo com a exigência do comprador dos seus produtos, conhecer as regras da certificadora, encaminhar a documentação exigida, elaborar um plano de manejo e conversão e aguardar o tempo de conversão no qual a propriedade recebe visitas programadas e não programadas do auditor ou grupo de produtores para certificar se o processo está de acordo com as exigências e então o agricultor recebe seu certificado. A certificação do tipo auditada frente a participativa possui a vantagem de permitir o acesso ao mercado externo, porém o custo é muito mais elevado.

3.2.3 A comercialização dos produtos

Já no início da atividade, ainda no período de conversão, quando o agricultor opta pela produção orgânica, é importante que ele se organize e inicie também a sua participação em alguma organização ou grupo, mesmo que informal, visando a troca de experiências com outros produtores que já adotam o sistema a mais tempo e buscando mercados para escoar a sua produção.

Observa-se nos últimos anos um crescimento do mercado de produtos orgânicos principalmente nas capitais e nos grandes centros. Em algumas cidades, inclusive, existem mercados, restaurantes, feiras e lojas exclusivas para esses alimentos.

Dentre as diferentes maneiras de comercialização dos produtos orgânicos estão: a venda direta ao consumidor, por meio de feiras, sacolas ou

cestas, colha e pague (encontrada em alguns roteiros de turismo rural), e entrega direta nas casas, agroindústrias e restaurantes; há também a venda para empresas que depois poderão revender esses produtos para restaurantes, mercearias e supermercados; e também a venda institucional, para os programas oficiais do governo, destinados à alimentação escolar, hospitais entre outras organizações federais estaduais ou municipais; além do mercado de exportação que ainda é pouco acessado.

A forma de comercialização pode ser entendida como uma particularidade dos agricultores, alguns podem ter um melhor escalonamento da sua produção com uma variedade maior de produtos e em quantidade suficiente adaptando-se bem com a comercialização direta em feiras ou por meio de cestas. Para outros produtores que possuem uma variedade de produtos mais restrita ou uma quantidade mais limitada, o melhor pode ser optar em realizar vendas institucionais ou vender para empresas que irão comprar de vários produtores para atender as suas necessidades.

Como todo o mercado, na cadeia de orgânicos também é fundamental buscar compreender os gostos e preferências e também as necessidades dos consumidores para direcionar a produção. Campanhas de marketing para os produtos orgânicos geralmente direcionam o comportamento dos consumidores a uma associação entre o processo produtivo da agricultura orgânica e a saúde humana, há ainda uma preocupação dos consumidores de produtos orgânicos com a preservação ambiental, visto que nesse sistema não há a utilização de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Outro ponto apresentado pelos consumidores é a dificuldade de acesso aos produtos, pois não há muitos locais para compra, a variedade é pequena e o preço mais elevado. Diante disso é importante trabalhar na divulgação desses produtos, com o apelo aos benefícios à saúde e ao meio ambiente, de forma a aumentar a demanda, e também incentivar a comercialização facilitando o acesso aos alimentos orgânicos e regulando a oferta e o preço dessas mercadorias.

3.2.4 Transformação de produtos na agricultura familiar.

A agroindustrialização ou transformação de produtos agrícolas pode ser uma alternativa interessante, principalmente para a agricultura familiar que não

possui condições de concorrer amplamente com a produção agropecuária, dadas as limitações de área produtiva e de acesso a tecnologia, lembrando que a redução da fertilidade natural dos solos ao longo de diversos ciclos de cultivo vem aumentando a necessidade de recuperação dos níveis nutricionais através da adição de fertilizantes, e sabe-se que no sistema orgânico de produção essa manutenção da fertilidade é ainda mais complexa devido a restrição de produtos destinados a fertilização do solo bem como ao fato de os nutrientes disponíveis nessas fontes estão em baixa concentração quando comparados aos fertilizantes solúveis. Também há maior dificuldade no controle de pragas, doenças e plantas daninhas nesse sistema de cultivo, que aumenta a necessidade de mão de obra e eleva os custos reduzindo a competitividade.

Nesse contexto, o processamento dos produtos agrícolas vem contribuir para a viabilidade da atividade familiar agregando valor, além de possibilitar um maior aproveitamento da produção, já que aqueles produtos abaixo do padrão para a entrega nos projetos ou com aspectos que possam desagradar as preferências dos consumidores na venda *in natura*, mas que ainda estão aptos para o consumo podem ser destinados aos processos de transformação.

O autor Prezotto citado por Wesz e Trentin (2005) afirma que: o conceito de agroindústria familiar ainda é recente e obscuro na literatura brasileira, já que este leva em consideração aspectos qualitativos e quantitativos dependendo de cada realidade, o que faz tornar difícil a construção de um conceito/modelo único e definitivo. Os mesmos autores ainda descrevem:

A agroindústria familiar é de propriedade de pequenos agricultores e caracterizada pela verticalização da produção. Isto é, os próprios proprietários dos empreendimentos que produzem e industrializam a matéria-prima. Já a posse e a gestão da agroindústria podem ocorrer individualmente ou, de preferência, em uma forma organizacional grupal de famílias. Wesz e Trentin (2005).

Os autores Chartony et al., (2000) e Hansen e Mowen, (2003) citados por IMLAU & GASPARETTO, (2014) demonstram que:

“A busca por alternativas e mecanismos para incrementar a agregação de valor nos estabelecimentos rurais tem sido um desafio para diversos gestores rurais. A definição de valor está intimamente relacionada à percepção do cliente acerca dos benefícios obtidos em termos de realização e de satisfação e do que este cede (sacrifício), incluindo fatores monetários e não monetários”.

Ressaltando assim, a importância da transformação de produtos, e da certificação das agroindústrias familiares com a finalidade de atingir nichos de

mercado mais restrito com produtos de qualidade, e gerar incremento à renda dos agricultores familiares.

3.2.5 A importância da gestão na agricultura.

Nos modelos atuais de produção que são direcionados a atender a necessidade do mundo globalizado, em que os produtos não mais são consumidos apenas localmente, e a produção vem se tornando cada vez mais intensiva para atender a demanda crescente oriunda o crescimento populacional, não há mais como realizar a gestão de uma propriedade de forma isolada. Com a população concentrada principalmente nos centros urbanos, e o aumento da demanda por insumos externos nas propriedades para elevar ou até mesmo manter a produtividade surge a necessidade de se construir todo um sistema logístico para levar cada produto desde o seu local de produção até os centros consumidores, o que acaba inserindo obrigatoriamente a propriedade em uma cadeia produtiva. Isso exige que o gestor analise aspectos anteriores à produção, o que é chamado de “antes da porteira”, e aspectos posteriores a produção, chamados de “depois da porteira”, que estão relacionados com a aquisição de insumos, equipamentos, crédito e a venda dos produtos, transporte, prazos, pagamentos, além de controlar o processo produtivo.

A gestão é a peça fundamental para garantir a viabilidade da atividade, de início o gestor deve estar atento ao que ocorre nas propriedades no entorno, já que o modelo atual não permite que uma propriedade atue de forma isolada tornando-a dependente das demais. Questões como a produtividade, a ocorrência de pragas e doenças em uma região, entre outras irão influenciar no modelo de gestão que deve ser dinâmico e estar preparado para realizar mudanças de maneira ágil frente às adversidades. Para isso as operações destinadas a gerenciar propriedades demandam além de ferramentas destinadas a facilitar o trabalho, que embora sejam várias as existentes, são em grande parte destinadas a agropecuária empresarial, havendo poucos modelos adequados a realidade da agricultura familiar, capacitação das pessoas destinadas a realização de tais operações. Diante da realidade brasileira na qual os agricultores familiares, em geral possuem

baixo grau de instrução, a utilização dessas ferramentas e a realização de uma gestão eficiente tornam-se mais complicadas.

3.2.6 A importância da agricultura orgânica no município da Lapa.

O município da Lapa, situado na Região Sudeste do Estado do Paraná, segundo informações de representantes da unidade local da EMATER-PR e Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente possuem aproximadamente 180 produtores orgânicos certificados ou em processo de certificação, que comercializam seus produtos em feiras, em outras modalidades de venda direta ao consumidor como a entrega em domicílio, em programas de políticas públicas e algumas redes de supermercado. Quanto à organização, os produtores estão divididos em cerca de 14 grupos de produtores ligado à Rede Ecovida, uma das entidades certificadoras do município, e contam também com uma associação denominada ALACOVEC (Associação Lapeana de Compras e Vendas Comunitárias) e uma cooperativa de produtores. Segundo Diniz, (2014) no ano de 2012 somente os recursos do FNDE, destinados à agricultura familiar do Município de Lapa-PR somaram R\$103.189,85. Isso demonstra a importância da produção orgânica e o potencial de expansão dessa atividade na região.

A Cooperativa Terra Livre, fundada no ano de 2010, e sediada no interior do Assentamento Contestado no município de Lapa-PR, segundo dados obtidos na página eletrônica do MST, contava no ano de 2015 com 266 cooperados dos quais 80,85% são residentes na Lapa, e os demais nos municípios de São Mateus do Sul e Antônio Olinto. Ainda segundo informações do *site* o principal canal de comercialização da cooperativa são os programas de venda institucional. O Assentamento do Contestado, que recebe este nome em homenagem aos trabalhadores rurais que lutaram na Guerra do Contestado (1912-1916), está localizado na antiga Fazenda Santa Amélia, que pertencia até então ao grupo Incepa uma empresa produtora de cerâmica com sede em Campo Largo PR, e que foi ocupada em fevereiro de 1999 por 40 famílias de Curitiba, Balsa Nova, Lapa e várias outras regiões paranaenses. Como a empresa havia contraído dívidas com bancos, após meses de ocupação, em

dezembro daquele ano a área foi destinada a fins de reforma agrária assentando 108 famílias (CAPITANI, 2015).

A Associação Lapeana de Compras e Vendas Comunitárias (ALACOVEC), fundada no ano de 1988, iniciou suas atividades, como o próprio nome diz, para auxiliar na compra e venda de gêneros alimentícios no município, como um mercado volante, percorrendo as áreas rurais para promover o abastecimento das famílias dadas as dificuldades de acesso aos centros de comércio na época. Mais tarde com as facilidades e o surgimento do comércio nas áreas rurais a associação mudou o foco e passou a lutar pelos interesses dos agricultores familiares da Lapa.

Já a Associação de Produtores de Alves Cardosos (Agroalves), fundada em 2001, atende os interesses dos moradores e agricultores da localidade de Alves Cardoso, no município da Lapa, e conta ainda com uma agroindústria destinada a panificação e produção de doces compotas e geleias, absorvendo parte da produção dos agricultores locais. Dispõe também de um comércio volante que percorre o perímetro urbano do município realizando a venda dos produtos transformados.

Além do solo favorável para as atividades agropecuárias, outro fator que favorece a produção de hortaliças na Lapa é o fato de o município estar inserido na RMC e próximo à capital do Estado e de outras cidades com grande concentração urbana como Araucária, Campo Largo e Fazenda Rio Grande, que ajudam a aumentar a demanda por alimentos na região, principalmente aqueles consumidos *in natura* e com um curto período de *shelf life*, e que necessitam ser produzidos localmente, uma vez que a logística e distribuição desses produtos torna-se mais complexa.

A produção de alimentos orgânicos no município de Lapa-PR segundo informações da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, conta ainda com duas agroindústrias familiares certificadas, destinadas ao aproveitamento e a agregação de valor aos produtos com aval de comercialização em todo território nacional.

3.2.6.1 A Lapinha Orgânicos e o destaque da agricultura orgânica lapiana.

Criado em 1972 no município da Lapa-PR como o primeiro spa médico do Brasil, a Lapinha Spa traz uma nova filosofia que busca o tratamento de doenças por meio da terapia naturista. Essa nova iniciativa apontava para uma preocupação não apenas com os hóspedes, mas também com o meio ambiente, o espaço e a comunidade onde se insere. Essa consciência direcionou o foco da propriedade à produção orgânica, buscando a preservação ambiental e a sustentabilidade.

Desde a década de 1960 a Fazenda Margarida Alimentos Saudáveis, com uma área aproximada de 40ha já utilizava as técnicas do cultivo orgânico na produção agrícola, por volta do ano de 1965 iniciou a produção de hortaliças, que foi ampliada a partir da criação do spa para atender a demanda do novo empreendimento. Além da produção de hortaliças, que atualmente ocupa uma área aproximada de 6ha, a fazenda também produz grãos e leite também no sistema orgânico.

Apesar de a produção estar atrelada ao nome do proprietário como produtor rural pessoa, física não há como avaliar essa propriedade junto com as demais, dados os processos de produção, o volume de produtos, a mão de obra disponível, e disponibilidade de recursos. Existem hoje aproximadamente 20 famílias contratadas para desenvolver atividades na propriedade. Também a partir de 2006 a propriedade inseriu a marca própria no mercado, a “Lapinha Orgânicos” hoje atua de forma independente e destina seus produtos a mercados em várias cidades importantes do país, inclusive capitais como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. A propriedade, portanto, está inserida em uma cadeia diferenciada dos demais produtores, possui acesso facilitado à aquisição de insumos certificados trazidos de outros estados, e maior facilidade no escoamento de produtos, segundo relatos do responsável pela produção agropecuária da fazenda, no caso do milho em grão que também possui certificação, este é destinado a mercados como Campinas-SP para atender a propriedades que desenvolvem a pecuária orgânica.

No início a produção era voltada para a demanda da clínica, e o excedente era destinado à comercialização, com a criação da marca houve uma inversão de foco direcionando a produção para a comercialização direta,

destinando o excedente para a demanda do spa. Comercialização esta, que a partir de 2015 é feita com produtos *in natura* por meio de cestas entregues em domicílio nas cidades de Lapa e Curitiba, e com produtos processados desde o início das atividades. Por meio de cestas o volume comercializado chega a atingir 300 cestas de produtos por semana, além desse canal há a venda realizada em feiras como a que acontece semanalmente na Lapa, além de atender a demanda de restaurantes em Lapa e Curitiba.

O processamento de produtos é desenvolvido em estrutura própria na qual são produzidos biscoitos, doces, geleias, frutas em calda, sucos, molhos e também há produção de queijos e conservas. Para atender a demanda do processamento de produtos, além da produção própria há aquisição de matérias primas de produtores locais, e também de produtores de outras regiões principalmente no caso de frutas e cereais não disponíveis nas proximidades.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada pesquisa de caráter exploratório, buscando o levantamento de dados com a finalidade de entender e diagnosticar a produção, comercialização e processamento de produtos orgânicos da agricultura familiar no Município de Lapa-PR.

Desenvolveu-se pesquisa bibliográfica sobre a produção orgânica em propriedades familiares. O desenvolvimento da pesquisa compreendeu também o acesso a entidades do município da Lapa-PR ligadas ao modelo de produção, como a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, unidade local da EMATER-PR, cooperativas e associações de produtores de maneira a levantar dados prévios sobre a situação da agricultura familiar no município, bem como quantificar o total de produtores orgânicos cadastrados e reconhecidos pelos órgãos municipais.

Em outra fase da pesquisa, foi realizado um levantamento de dados a campo por meio de entrevistas e aplicação de um questionário (Anexo 1) aos produtores, membros das cooperativas e associações de maneira a identificar aspectos referentes à produção, comercialização, processamento, acesso a recursos financeiros e incentivos a atividade. Após a aplicação do questionário as questões referentes ao perfil dos entrevistados, o perfil da propriedade e produção, questões relacionadas à comercialização dos produtos e outras questões relativas à transformação e por fim questões direcionadas a gestão da propriedade foram analisadas.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no município da Lapa, localizado na região sudeste do Estado do Paraná e situado na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), e possui limites territoriais confrontantes com os municípios paranaenses de Antônio Olinto, Balsa Nova, Campo do Tenente, Contenda, Palmeira, Porto Amazonas, Quitandinha, Rio Negro e São João do Triunfo e também com o município de Mafra-SC. Possui uma extensão territorial de 2.097,7km², sendo o quinto maior município do Estado, e uma área urbana de 17,84 km², tem como principal atividade econômica a agropecuária, a altitude

média do município é de 908m e o tipo de solo predominante é o Cambissolo. A vegetação é composta por remanescentes de Mata Atlântica e Araucárias, tendo sido alterada quase que totalmente. Segundo o Censo IBGE (2016) a população do município é de 44.932 habitantes, sendo que a maior parte da população 27.222 habitantes encontra-se na zona urbana e os demais 17.710 habitantes estão na zona rural.

Segundo dados levantados junto ao Núcleo de Produtores Maria Rosa da Anunciação, da Rede Ecovida de Certificação Participativa, existem no Município da Lapa aproximadamente 235 produtores certificados, organizados em 14 grupos de produtores, sendo sete deles localizados no interior do Assentamento do Contestado, e os outros sete localizados em outras comunidades do município, sendo que por questões de tempo e logística as comunidades selecionadas foram, Alves, Campo de Telha, Colônia Municipal, Espigãozinho, Feixo Botiatuva e Lagoa Gorda, que estão localizadas mais próximas do perímetro urbano do município, e também da sede da cooperativa que está localizada no interior do Assentamento.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES

Foram selecionados ao acaso 32 produtores de oito grupos diferentes, sendo quatro grupos dentre os situados no Assentamento Contestado, e quatro grupos situados nas localidades no entorno da Cidade da Lapa, de modo a compreender as diferenças que possam haver entre realidades internas ou externas ao assentamento, e ao mesmo tempo evitar tendência na análise dos dados por meio da concentração do número de entrevistados dentro ou fora da comunidade do Contestado.

As entrevistas ocorreram entre os dias 14 de julho de 2016, e 06 de agosto de 2016. No dia 14 de julho, as entrevistas foram iniciadas na localidade do Assentamento do Contestado, com membros dos grupos Gabriel Kais e Antonio Tavares. As entrevistas no Assentamento foram retomadas dia 18 de julho dessa vez com alguns membros do grupo Eduardo Aghinone. No dia 20 de julho, um dos dias em que foi realizada a maior parte das entrevistas, estas continuaram na comunidade do Contestado com os grupos Antonio Tavares, Eduardo Aghinone e Libertação Camponesa. Na data de 21 de julho

coordenadores do Núcleo acompanharam as entrevistas, com o intuito também de apresentar os coordenadores de cada grupo nas diferentes localidades visitadas para que estes da mesma forma indicassem a localização de outros membros do grupo para participar da pesquisa. As atividades nesse dia se iniciaram na comunidade do Feixo com agricultores do grupo Quero-Quero, depois nos direcionamos para a localidade denominada Alves onde foram aplicados os questionários com membros do Grupo Agroalves, demos continuidade as entrevistas na comunidade de Lagoa Gorda com o coordenador do Grupo Caracol, que engloba além da comunidade visitada outra comunidade vizinha de mesmo nome que o grupo. No Assentamento Contestado foram encerradas as entrevistas com os membros do Grupo Libertação Camponesa. Outras entrevistas foram realizadas no dia 23 de julho, com agricultores do Grupo Galha Azul moradores da localidade chamada Colônia Municipal, durante a Feira da Agricultura Familiar realizada nas quartas-feiras e sábados no Centro Histórico da cidade da Lapa, durante a realização destas entrevistas, aproveitando a oportunidade, foram discutidos aspectos relacionados à feira e que serão abordados mais adiante. A pesquisa de campo teve continuidade no dia 04 de agosto nas localidades de Caracol com agricultores do grupo também chamado Caracol, e Alves com membros do grupo Agroalves, no dia 05 de agosto foram entrevistados agricultores do grupo Quero-Quero na localidade do Feixo, grupo Caracol, e grupo Beija-Flor na localidade do Campo de Telha. A realização de entrevistas foi finalizada no dia 06 de agosto na localidade denominada Espigãozinho com um membro do grupo Beija-Flor.

Para fins de referência e enriquecimento da pesquisa e também de demonstração da dimensão da produção de hortaliças em sistema orgânico no dia 12 de agosto de 2016, foi realizada uma visita à Fazenda Margarida Alimentos Saudáveis, local de produção da Lapinha Orgânicos, durante a qual foi realizada uma entrevista, também baseada no questionário encontrado no Anexo 1, com o administrador Sr. Ralf, que apresentou informações relativas a produção, comercialização e transformação dos produtos, além de conduzir a visita pelas áreas de produção de hortaliças da fazenda.

Após o encerramento das entrevistas, a avaliação das repostas e interpretação dos questionários foi feita por meio de planilhas eletrônicas no

editor de planilhas Microsoft Excel, em que foram atribuídos os valores “1” para as respostas positivas e valor “0” para as respostas negativas, de modo a realizar um somatório com as respostas dadas por cada entrevistado e dessa forma quantificar a frequência de respostas dadas e a sua relação com a população amostrada. Para as questões descritivas, as respostas semelhantes foram agrupadas, e para cada tipo de resposta foram atribuídos valores de forma semelhante à descrita anteriormente, também de modo a quantificar a frequência com que cada resposta foi apresentada. A partir do somatório das respostas e o cálculo dos valores somados em razão da população amostrada, atribuindo igual peso para todas as questões, desenvolveu-se então as interpretações e discussões dos resultados.

Os resultados obtidos na entrevista com o administrador da Fazenda Margarida Alimentos Saudáveis, foram analisados separadamente, embora a mesma esteja cadastrada em nome do proprietário pessoa física e faça parte do grupo de produtores Galha Azul filiado ao Núcleo de Produtores Maria Rosa da Anunciação, devido à diferenciação do sistema produtivo já que atuam como empresa e possuem quadro de funcionários registrados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS AGRICULTORES

A idade média dos entrevistados é de 44 anos, e a distribuição da frequência de faixas etárias está descrita na tabela a seguir:

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DA FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS E A RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO AMOSTRADA

Faixa Etária dos Entrevistados	
20-30 ANOS	16%
30-40 ANOS	25%
40-50 ANOS	34%
50-60 ANOS	19%
> 60 ANOS	6%

Observa-se que dentre a população amostrada há certa tendência de manutenção dos produtores nas próximas décadas, visto que o número de produtores com idade inferior a 40 anos é superior à faixa central observada que fica entre 40 e 50 anos e também é superior ao número de entrevistados com idade mais avançada, acima de 50 anos. Seguindo o pensamento, quando questionados sobre o futuro da produção de hortaliças no sistema orgânico e a sucessão familiar na atividade, a maioria dos participantes é otimista, 67% acreditam que os mais jovens demonstram interesse em aprender a cultivar hortaliças e continuar o trabalho da família, 22% acreditam que há muitas dificuldades em seguir com a vida na atividade rural e os mais jovens tendem a buscar outras atividades com carteira assinada e 11% dos entrevistados não souberam responder como será no futuro. Na tabela 01 é apresentado um breve histórico sobre o tempo que os agricultores desenvolvem alguma atividade agrícola e há quanto tempo trabalham no cultivo de hortaliças.

TABELA 2: ANÁLISE DO TEMPO QUE O AGRICULTOR ESTÁ NA ATIVIDADE AGRÍCOLA X HÁ QUANTO TEMPO DESENVOLVE O CULTIVO DE HORTALIÇAS. (n=32)

Tempo na Atividade Agrícola x Tempo no cultivo de hortaliças			
0-5 Anos	4	0-5 Anos	13
5-10 Anos	1	5-10 Anos	8
10-20 Anos	7	10-15 Anos	7
20-30 Anos	10	15-20 Anos	3
30-40 Anos	9	>20 Anos	1
> 40 Anos	1		
TOTAL	32	TOTAL	32

Todos os entrevistados participam de grupos de produtores filiados ao Núcleo Maria Rosa da Anunciação, conforme estrutura de formação do sistema de certificação participativa. Além da participação nos grupos, 66% dos agricultores também são associados da Cooperativa Terra Livre e, 16% são associados da Associação Lapeana de Compras e Vendas Comunitárias (ALACOVEC), essas entidades cuidam dos interesses dos agricultores e auxiliam na comercialização dos produtos.

Confrontando os dados da tabela 01, conclui-se que o cultivo de hortaliças é uma atividade recente no município. Ao comparar o tempo que os trabalhadores participantes da pesquisa já desenvolvem algum tipo de atividade agrícola com o tempo que produzem hortaliças orgânicas, verificou-se que a maioria iniciou a atividade de produção orgânica a menos de 10 anos, e ainda podem estar em período de adaptação ao sistema produtivo, bem como as áreas podem estar em processo de estabilização, fato que pode auxiliar no entendimento de muitas limitações e dificuldades apresentadas pelos agricultores.

Embora utilizem o sistema convencional de cultivo que compreende a utilização de fertilizantes e defensivos químicos para outras atividades, é unanimidade entre os produtores entrevistados o cultivo em sistema orgânico de produção para as hortaliças. Cabe aqui ressaltar que a produção paralela, combinando a utilização dos sistemas orgânico e convencional de cultivo em uma mesma propriedade é permitida, desde que em áreas distintas, sendo aquelas destinadas e certificadas para a produção orgânica esteja devidamente isoladas, e que sejam respeitadas as normas descritas nos artigos 7º, 8º e 9º do Decreto 6.323 de 2007 que seguem:

Art. 7º É permitida a produção paralela nas unidades de produção e estabelecimentos onde haja cultivo, criação ou processamento de produtos orgânicos.

§ 1º Nas áreas e estabelecimentos em que ocorra a produção paralela, os produtos orgânicos deverão estar claramente separados dos produtos não orgânicos e será requerida descrição do processo de produção, do processamento e do armazenamento.

§ 2º No caso de unidade processadora de produtos orgânicos e não orgânicos, o processamento dos produtos orgânicos deve ser realizado de forma totalmente isolada dos produtos não orgânicos no espaço ou no tempo.

§ 3º Todas as unidades de produção e estabelecimentos de produção, orgânica e não orgânica, serão objeto de controle por parte do organismo de avaliação da conformidade ou da organização de controle social a que estiver vinculado o agricultor familiar em venda direta.

Art. 8º Nas unidades de produção ou estabelecimentos envolvidos com a geração de produtos orgânicos que apresentem produção paralela, a matéria prima, insumos, medicamentos e substâncias utilizadas na produção não orgânica deverão ser mantidos sob rigoroso controle, em local isolado e apropriado.

Nesse contexto a utilização do sistema de cultivo orgânico para a produção de hortaliças é motivada por diversas razões como saúde e qualidade de vida, pelo incentivo de outros produtores que já utilizavam o sistema, pela possibilidade de produzir com limitações em termos de tecnologia ou pela redução nos custos já que não há dependência de fertilizantes químicos e outras tecnologias que encarecem a produção. Vale ressaltar ainda que grande parte dos participantes utilizam técnicas produtivas de base agroecológica, que visa conduzir a produção de forma semelhante a natureza, aproveitando aquilo que pode ser obtido na propriedade e diminuindo a necessidade de aquisição de insumos externos. Nos Gráficos 01 e 02 estão demonstradas as principais vantagens e as maiores dificuldades enfrentadas pelos agricultores com relação ao sistema orgânico:

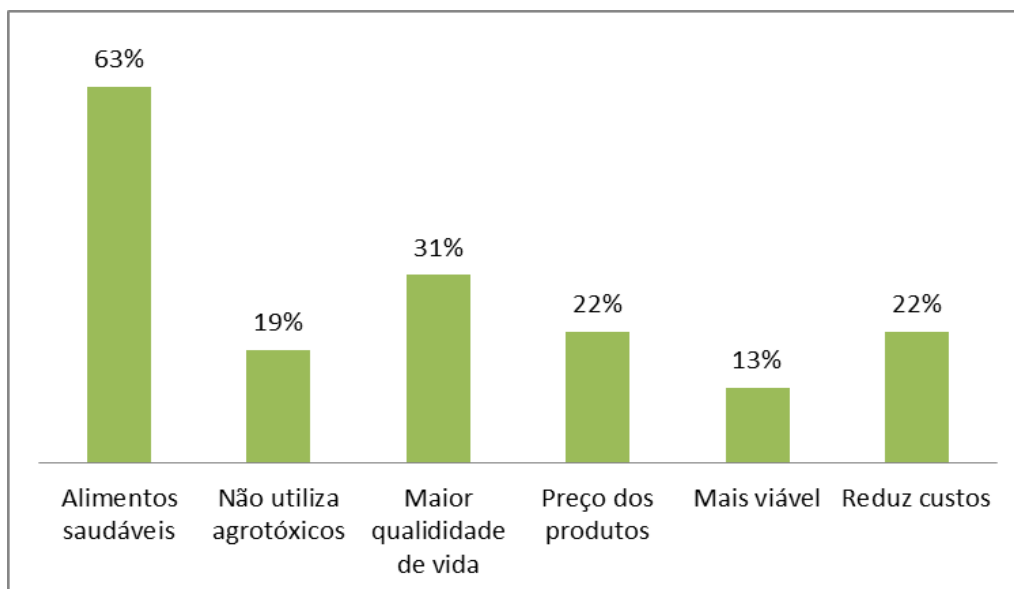


GRÁFICO 1: PRINCIPAIS VANTAGENS OBSERVADAS PELOS AGRICULTORES COM RELAÇÃO AO SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.*

*Valores baseados em respostas não excludentes.

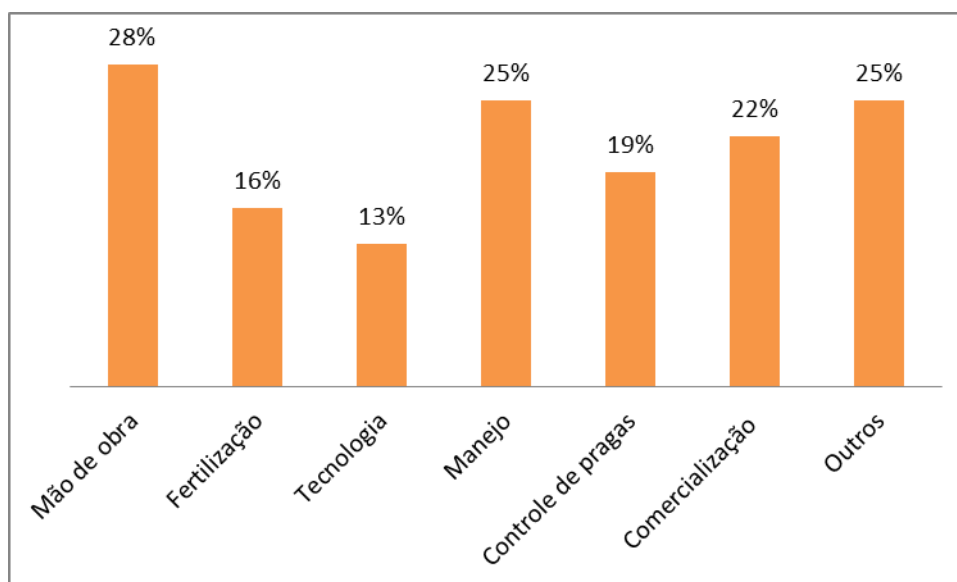


GRÁFICO 2: DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PRODUTORES NA UTILIZAÇÃO DO SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.*

*Valores baseados em respostas não excludentes.

As principais vantagens apontadas pelos entrevistados foram a produção de alimentos saudáveis e maior qualidade de vida, tanto para os consumidores que recebem um alimento mais seguro, quanto para os agricultores que não se expõem ao contato com agrotóxicos, as vantagens relativas a redução de custos e agregação de valor foram, embora apontadas como importantes, foram observadas com menor frequência. Como desvantagens foram apontadas principalmente aquelas relativas ao manejo,

mão de obra, controle de pragas e manutenção da fertilidade do solo, que se deve à restrição no uso de agroquímicos e fertilizantes sintéticos de alta solubilidade. A dificuldade na comercialização dos produtos, de formas diversas como o acesso a mercados ou problemas com a sazonalidade da produção, entre outros, também foi observada por uma parcela significativa dos entrevistados. Ainda ao analisar os gráficos percebe-se certa contradição entre os pontos de vista dos agricultores. Enquanto alguns se sentem beneficiados pela tecnologia empregada na produção orgânica, considerando que não há necessidade da aquisição de muitos maquinários, equipamentos, fertilizantes e agroquímicos, tecnologia em sementes híbridas e geneticamente modificadas, outros veem a tecnologia como limitação a produção, sentido a necessidade de fazer investimento em equipamentos e infraestrutura como estufas e sistemas de irrigação para distribuir melhor a produção ao longo do ano, principalmente por estar em uma região como a Lapa onde o inverno muitas vezes é rigoroso e há ocorrência de geadas fortes, também para enfrentar períodos com escassez de chuvas ou até para produzir espécies mais suscetíveis a pragas e doenças, visto que nesse sistema produtivo a utilização e a disponibilidade de produtos para controle destas é restrita, exigindo outras formas de manejo que dificultem ou impeçam a sua incidência.

5.2 ANÁLISE DO PERFIL DAS PROPRIEDADES E DA PRODUÇÃO.

Todas as áreas analisadas são de propriedade dos entrevistados, não foi verificado durante a coleta de dados, nenhum caso em que a produção ocorra somente sobre áreas arrendadas. Além disso, foi verificado apenas um caso onde há produção de hortaliças em áreas arrendadas, representando apenas 3% da população amostrada.

Com relação ao tamanho médio das propriedades e a área destinada ao cultivo de hortaliças, as informações estão descritas na Tabela 02:

TABELA 3 NÚMERO DE PROPRIEDADES DE ACORDO COM A ÁREA MÉDIA E A ÁREA DESTINADA AO CULTIVO DE HORTALIÇAS.

Área Média da Propriedade x Área Média Ocupada com Hortaliças			
< 1 ha	4	< 0,5 ha	16
1-5 ha	8	0,5-1 ha	12
5-10 ha	7	> 1 ha	4
10-15 ha	6		
> 15 ha	7		
TOTAL	32	TOTAL	32

Embora a maior parte das propriedades analisadas possua, em média, área superior a 5ha, a área destinada ao cultivo de hortaliças na maioria das ocorrências é inferior a 0,5ha, muitas vezes porque essa atividade mesmo sendo a principal fonte de renda, não é a única desenvolvida pelos agricultores. Baseado em informações coletadas a campo tem-se que em 88% das áreas amostradas a produção de hortaliças é a principal atividade, e em apenas 13% a olericultura orgânica é desenvolvida como atividade secundária. Vários produtores além do cultivo de hortaliças em sistema orgânico trabalham na produção de grãos, na maioria o milho e o feijão, para o próprio consumo e para a venda de excedentes, na criação de animais também visando atender o próprio abastecimento e também em outras atividades como o cultivo de árvores frutíferas e florestais, em alguns casos para atender premissas da agricultura de base ecológica como o cultivo em agroflorestal, e em outros casos para a produção de frutas para transformação em doces e geleias. Os dados que permitem quantificar a realização de outras atividades pelos agricultores são apresentados no Gráfico 03.

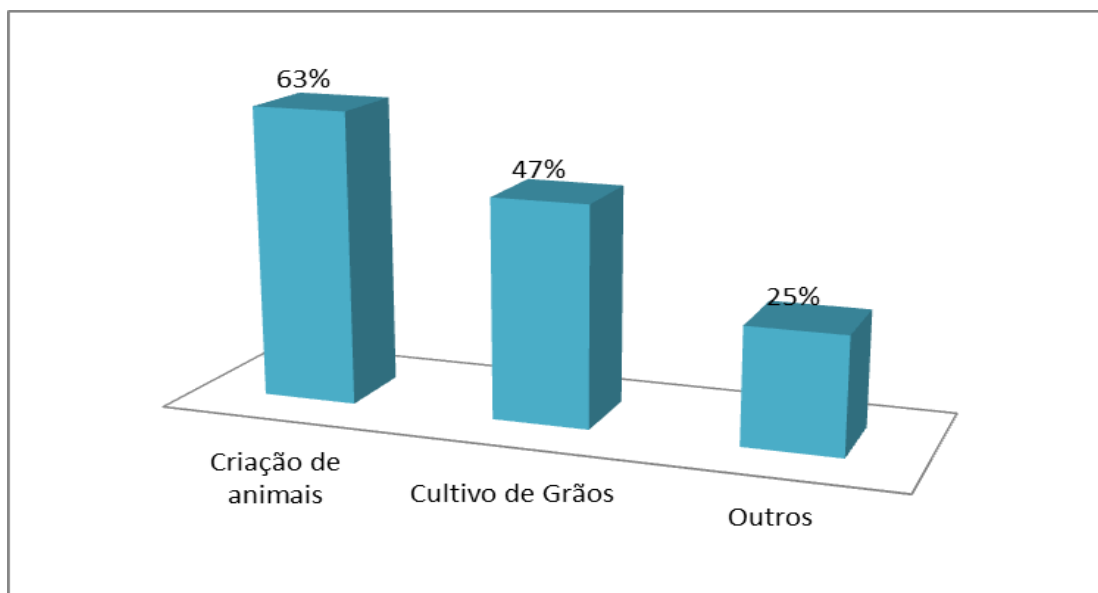


GRÁFICO 3: OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PROPRIEDADE ALÉM DO CULTIVO DE HORTALIÇAS ORGÂNICAS.

Quanto à mão de obra utilizada no cultivo de hortaliças, em 89% das propriedades visitadas esta é de base familiar, praticada apenas pelos proprietários, maridos ou esposas e/ou filhos, e quando necessitam de alguma ajuda realizam uma espécie de mutirão, trocando dias de serviço com vizinhos ou outros parentes, não havendo, portanto a efetiva contratação de mão de obra, mesmo que de trabalhadores diaristas, essa só foi observada em 11% dos casos, os agricultores afirmaram contratar trabalhadores diaristas num período entre 30 e 100 dias por ano para ajudar principalmente nas épocas de plantio e colheita onde a demanda por mão de obra aumenta.

Dentre os diversos equipamentos utilizados no cultivo das hortaliças há destaque para as ferramentas manuais que são unanimidade entre os agricultores consultados, mas há outros como os microtratores no cultivo mais tecnológico e mecanizado e ainda os implementos de tração animal que perduram ao longo do tempo e ainda são utilizados pela agricultura familiar no cultivo de pequenas áreas. Os equipamentos utilizados para o cultivo nas propriedades analisadas estão descritos no Gráfico 04.

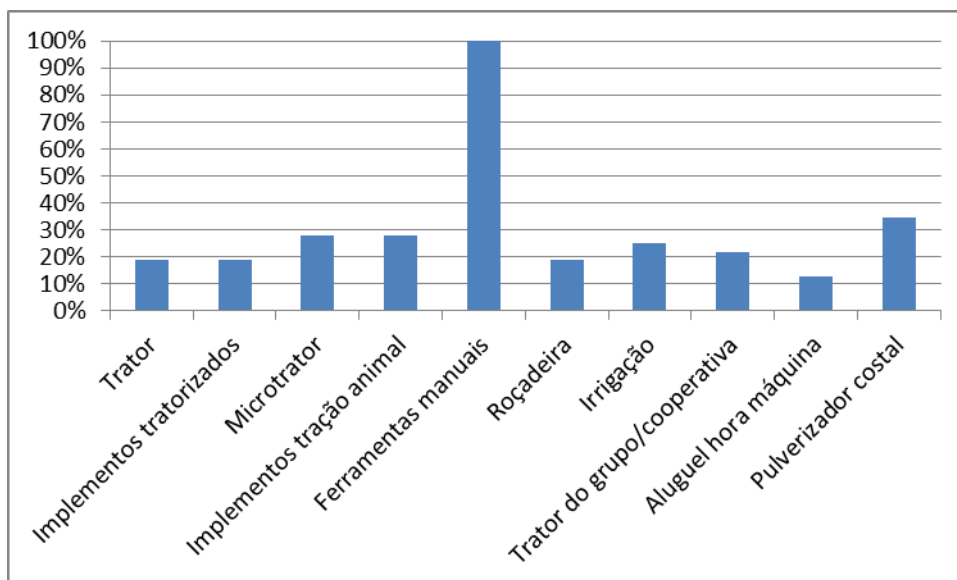


GRÁFICO 4: PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PELOS ENTREVISTADOS NO CULTIVO DE HORTALIÇAS.

A utilização de trator no cultivo de hortaliças acontece principalmente nas operações mais pesadas como a subsolagem e a aração do solo, sendo utilizado também e menos comumente na formação dos canteiros com a utilização de rotoencanteiradores, o que ocorre com maior frequência no cultivo de hortaliças mais intensivo e em áreas mais extensas. As observações mais comuns são a formação de canteiros com microtratores e enxadas rotativas ou com o arado de tração animal. No cultivo em sistema agroecológico se busca evitar o revolvimento do solo realizando cultivos de forma menos intensiva, aproveitando o mesmo canteiro em mais de um ciclo de cultivo, fazendo-se a manutenção da cobertura de palhada retirada de outras áreas destinadas apenas ao cultivo de gramíneas para esse fim, que então é cortada com a roçadeira e transferida para os canteiros e servirá para auxiliar na manutenção da umidade e da fertilidade. A contratação de hora máquina e a utilização de maquinário coletivo de propriedade dos grupos e/ou da cooperativa é uma alternativa muito interessante, pois trata-se de equipamentos de valor elevado e pouco acessível a aquisição particular por parte dos agricultores, mas acabam apresentando problemas, difícil agendamento em épocas de maior demanda, as vezes falta de pessoas capacitadas para operar o equipamento, conflitos na definição da responsabilidade pela manutenção e consertos dos equipamento, e esses problemas muitas vezes acabam atrasando o plantio e

outras atividades, que podem comprometer o ciclo das culturas e gerar mais prejuízos do que benefícios.

A escolha das culturas é feita com base em fatores variados como a adaptação da cultura à época do ano, clima e solo da região, a adaptação do produtor ao manejo das espécies determinadas, a resposta de cada cultura ao manejo e condições da propriedade e também a demanda dos produtos pelo mercado e pelos projetos de venda institucional. Além da escolha das culturas, a demanda também determina o escalonamento da produção de modo que o produtor possa atender a demanda com maior eficiência, evitando problemas com a falta ou o excedente de produtos, pois grande parte dos agricultores questionados não possui uma estrutura adequada para armazenar a produção havendo a necessidade de fazer o escoamento imediato dos produtos após a colheita, em apenas um quarto das propriedades foi verificada a existência de construções destinadas ao armazenamento da produção, quando questionados sobre a lavagem e higienização dos produtos, apenas 30% dos agricultores afirmaram possuir uma estrutura destinada exclusivamente à higienização dos produtos, os demais realizam as operações de lavagem na própria residência, ou ao ar livre em caixas d'água ou torneiras, ou utilizando as estruturas de outros produtores e/ou dos grupos e associações.

Toda a produção analisada é certificada pela Rede Ecovida de Certificação Participativa com sede no Estado do Rio Grande do Sul e que abrange os três estados dessa região, por meio do Núcleo Maria Rosa da Anunciação. Não foi verificado nenhum tipo de certificação auditada nas propriedades visitadas, e os agricultores não demonstraram interesse em adquiri-la devido a fatores como o custo elevado, a falta de conhecimento sobre os processos de certificação, ou por considerarem satisfatória a certificação participativa, já que é reconhecida e apoiada pela legislação como verificado no Art. 37 do Decreto 6.323 de 27 de Dezembro de 2007 “os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, do Desenvolvimento Agrário e do Meio Ambiente deverão apoiar a construção de Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica” e, portanto, permite a participação nos programas oficiais bem como a comercialização em todo o território nacional.

Analisando a interferência das propriedades vizinhas sobre as áreas de cultivo orgânico, 31% dos agricultores reconhecem que há algum grau de interferência, seja pela contaminação através da deriva de produtos fitossanitários, pela contaminação de pólen oriundo de plantas geneticamente modificadas, alteração da incidência de pragas e doenças que possam utilizar as culturas orgânicas como refúgio, redução da população de insetos polinizadores entre outros fatores. 59% afirmam não haver interferência sobre as suas áreas de cultivo por estarem bem isoladas, seja pela construção de barreiras espessas com a utilização de gramíneas de porte elevado como o Capim Napier (*Pennisetum purpureum Schumach.*) associadas ou não a espécies arbóreas, pela existência de áreas de mata nos limites da propriedade ou das áreas confrontantes, ou até mesmo pela distância entre a área de cultivo orgânica e as de cultivo convencional.

5.3 ANÁLISE DO ACESSO A CRÉDITO E INVESTIMENTOS

Nesta seção foi realizada uma breve análise dos desejos e necessidades em investimento a ser realizados pelos agricultores a fim de aumentar a eficiência e melhorar as condições de trabalho, buscando o aumento da rentabilidade e melhor qualidade de vida, para que possam continuar se mantendo na atividade agrícola e possam torna-la mais atrativa aos mais jovens evitando a saída destes para os centros urbanos e garantindo assim a sucessão familiar. Essa preocupação pode ser ilustrada na pesquisa de Spanevello (2008):

“O desinteresse dos filhos é principalmente revelado pela crescente saída da população rural jovem para exercer ocupações urbanas. Como resultado a ausência dos filhos faz emergir a possibilidade dos estabelecimentos familiares sem sucessores.”

Quando questionados sobre o desejo de fazer algum investimento futuro na atividade 88% dos agricultores participantes afirmaram que pretendem fazer algum tipo de investimento, 3% não responderam a questão e apenas 9% afirmaram que não pretendem realizar nenhum tipo de investimento na

produção de hortaliças. Os investimentos mais demandados estão descritos no Gráfico 05.

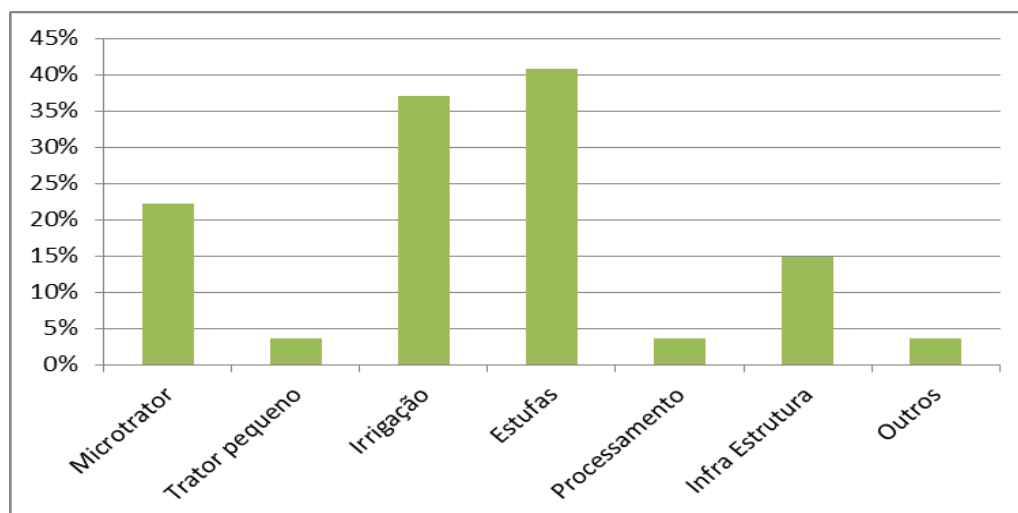


GRÁFICO 5: PRINCIPAIS INVESTIMENTOS DEMANDADOS POR AGRICULTORES PARA INCREMENTO DA PRODUÇÃO DE OLERÍCOLAS.

O acesso a financiamento e linhas de crédito para custeio e investimento pelos entrevistados foi verificado em apenas 28% dos casos, os outros 72% não realizam nenhum tipo de operação de crédito, por diversos motivos. Ao debater sobre as maiores dificuldades para acessar linhas de crédito, excluindo as limitações particulares referentes a restrições ou capacidade de pagamento, dizem respeito à falta de técnicos capacitados para elaborar os projetos, exigências descabidas ou falta de conhecimento das atividades por parte das instituições financeiras, ainda com maior frequência nos projetos para a agroecologia, que muitas vezes resultam em uma burocracia excessiva e que compromete a agilidade e inviabiliza a aquisição de recursos.

5.4 ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

A comercialização dos produtos se dá da seguinte forma: 72% comercializam os produtos por intermédio da Cooperativa Terra Livre, 28% tem a sua comercialização intermediada pelas associações como a Agroalves ALACOVEC, 22% realizam a venda de produtos para atravessadores que compram a produção de vários agricultores para revender a mercados, mercearias, feiras e ao consumidor final, 28% realizam a venda direta aos consumidores por meio da entrega de cestas em domicílio e/ou venda na propriedade e ainda 13% dos entrevistados participam de feiras livres

realizadas no município. Cabe aqui ressaltar que os canais de venda não são uma exclusividade, sendo que os agricultores comercializam seus produtos através de vários canais simultaneamente, como por exemplo, venda direta e vendas institucionais.

Essas entidades também são responsáveis por encaminhar os projetos dos agricultores, de maneira coletiva, para os programas de vendas institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar, e também os programas municipais de merenda escolar. Essas instituições obtêm grande êxito no encaminhamento dos projetos, o que contribui para que 78% dos agricultores pesquisados afirmem que não encontraram dificuldades para acessar os programas institucionais. Os outros 22% dividem-se em questões como a burocracia, ou a dificuldade de atender a demanda, pela falta de variedade das culturas procuradas pelos programas ou pela complexidade de escalonar a produção, para atender a demanda dos programas de alimentação escolar que é diferenciada. Segundo as regras constantes no manual do PNAE o limite do projeto é de R\$20.000,00 por Entidade Executora/ano, esse valor então é dividido entre os produtores definindo a quantidade de produtos a ser entregue por cada agricultor. A demanda é definida no termo de adesão, nos casos observados, ela é semanal e por isso torna-se mais complexa. Quanto ao PAA, a demanda é mais dinâmica, permitindo aos produtores definir as melhores épocas para a entrega de cada produto e o limite é de R\$8.000,00 por unidade familiar/ano também segundo informações contidas na cartilha do PAA. Sobre as vantagens e desvantagens relativas as vendas institucionais, os dados coletados com os entrevistados são apresentados na Tabela 03.

TABELA 4: PRINCIPAIS VANTAGENS E DESVANTAGENS APONTADAS PELOS AGRICULTORES COM RELAÇÃO AOS PROGRAMAS DE VENDAS INSTITUCIONAIS. RESPOSTAS NÃO EXCLUDENTES (N=32).

VANTAGENS		DESVANTAGENS	
Venda garantida	17	Cortes	4
Pagamento Garantido	13	Preço Baixo	9
		Burocracia dos projetos	2
		Demora no Pagamento	2
NENHUM	2	NENHUM	4

As vendas diretas ao consumidor final, ou aos atravessadores ocorrem tanto na propriedade, quanto por meio da participação em feiras livres ou venda de cestas de produtos em domicílio. Alguns dos entrevistados realizam a entrega de cestas individualmente, mas a ALACOVEC ainda contribui com essa modalidade de venda, a associação conta com um veículo adquirido através de doação e que é utilizado para a coleta de produtos nas propriedades dos associados e para a distribuição das cestas, atendendo inclusive clientes na cidade de Curitiba. Um dos produtores relatou que chega a vender individualmente 35 cestas por semana no valor que varia de R\$15,00 a R\$30,00, de acordo com o conteúdo da cesta escolhido previamente pelo cliente, sendo essa atualmente a sua principal fonte de renda, sendo que as vendas institucionais acabam apenas por complementar as receitas da propriedade.

A feira livre no município acontece de maneira regulamentada por decreto municipal instituído em dezembro de 2011, e segundo o regulamento é destinada ao comércio de produtos oriundos da agricultura familiar, orgânicos ou convencionais. Os agricultores orgânicos relatam de forma interessante, que não há por parte da administração da feira uma diferenciação entre os produtores orgânicos e convencionais que acessam o espaço para comercialização dos seus produtos, o que pode desfavorecer aqueles agricultores, obrigando-os a concorrer diretamente com os preços dos produtos convencionais e retirando a vantagem da agregação de valor que seria uma das principais motivações do mercado de orgânicos. Um fato observado durante a coleta de dados sobre a feira com a administração municipal, é que a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente embora seja responsável pela administração da feira conforme descrito no Art. 10º do decreto municipal, não possui nenhum dado oficial quanto a comercialização dos produtos na feira.

Ainda quanto a comercialização dos produtos, uma queixa geral apresentada pelos agricultores do município é a falta de incentivo e de divulgação da produção de orgânicos por parte dos órgãos municipais, frente a importância real e potencial desta atividade para o município. Nesse sentido os órgãos de assistência técnica como a Emater, aliados ao poder público

municipal, por meio da Secretaria de Agricultura poderiam colaborar com novas iniciativas voltadas à divulgação dos produtos e fortalecimento da comercialização direta de produtos da agricultura familiar no município. Uma iniciativa do município que merece reconhecimento foi a realização da mostra “Saberes e Sabores da Agricultura Familiar” realizada entre os dias 04 e 05 de junho de 2016, com a finalidade divulgar os produtos da agricultura familiar e contribuir com a capacitação dos produtores por meio da realização de palestras e oficinas.

5.5 TRANSFORMAÇÃO DE PRODUTOS

Conforme já mencionado anteriormente, duas dentre as principais vantagens do processamento dos produtos agrícolas são a agregação de valor, e o maior aproveitamento daqueles com padrão inferior ao exigido para a comercialização *in natura*. Essas vantagens são observadas por 37% e 44% dos entrevistados, respectivamente. Outras vantagens apontadas na pesquisa são o acesso a novos mercados formando um novo canal de comercialização por 19% dos agricultores, o aumento do tempo de prateleira (*shelf life*) ou período de validade dos produtos e maiores facilidades na logística, não havendo necessidade, por exemplo, de veículos refrigerados para realizar o transporte, ambas com 7% de apontamento na pesquisa.

Existem na Lapa, registradas no Serviço de Inspeção Municipal (SIM), cerca de seis agroindústrias destinadas ao processamento vegetal, localizadas em várias localidades do município, sendo a maioria registrada particularmente em nome de produtores rurais, sendo poucas registradas em nome de associações ou comunidades de produtores. Estima-se ainda que existam outras, como é o caso da Cooperativa Terra Livre que já possui a estrutura de uma agroindústria, mas que ainda está em processo de liberação pelo SIM e a Vigilância Sanitária, além de outras que possam estar inativas. Essas agroindústrias já em atividade não possuem certificação para comercialização de produtos orgânicos devido a dificuldade de adquirir matéria prima certificada, principalmente nos processos de panificação e transformação de frutas.

Mesmo com a existência de agroindústrias (Gráfico 06) destinadas a transformação vegetal no município, apenas 9% dos agricultores que participaram da pesquisa comercializam produtos com algum grau de transformação, e somente 31% vende seus produtos para alguma agroindústria, sendo unanimidade entre esses produtores a comercialização de produtos na forma *in natura*. Essa pequena participação na transformação dos produtos se dá pela pequena existência de estruturas comunitárias de processamento dos produtos, pela distância até as agroindústrias já existentes que inviabilizam o transporte dos produtos e pela falta de conhecimento dos produtores sobre os projetos e incentivos a transformação dos produtos.

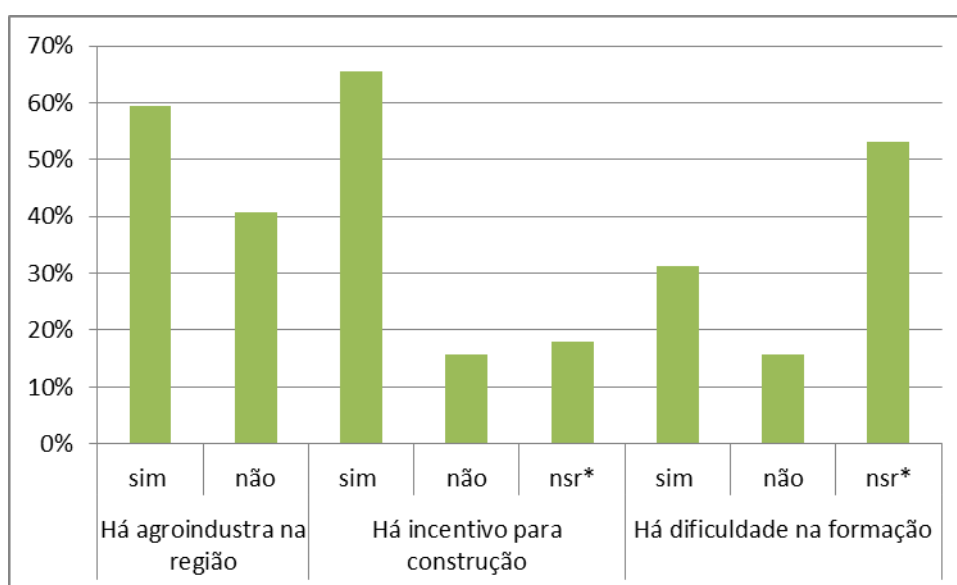


GRÁFICO 6: QUESTÕES RELATIVAS AS AGROINDUSTRIALIZAÇÃO APONTADAS PELOS AGRICULTORES.

*NSR: Não souberam responder a questão.

Percebe-se que 59% dos agricultores apontam a existência de agroindústrias ou alguma estrutura de processamento de produtos na região, o delineamento da pesquisa contribuiu para esse valor por selecionar metade da amostra no interior do Assentamento Contestado, onde situa-se a sede da Cooperativa Terra Livre, que conta com uma agroindústria destinada ao processamento de produtos vegetais, mas que está em processo final de construção e liberação, e portanto ainda não está em funcionamento. Esse fato também evidencia as respostas sobre o incentivo a construção de agroindústrias, sendo que no caso da Cooperativa foi uma ação conjunta entre esta e o Poder Público, outros produtores participantes comentam sobre o

encaminhamento de projetos por meio da Emater PR para a construção de pequenas agroindústrias na propriedade. Quanto as dificuldades na instalação de agroindústrias, esse apontamento foi feito por pouco mais de 30% dos agricultores, apenas, e se divide em opiniões como a dificuldade de aquisição de matéria prima para atender a demanda, dificuldades de logística em algumas regiões onde não há concentração de produtores de hortaliças e também questões relativas à liberação e fiscalização.

5.6 GESTÃO DAS PROPRIEDADES

Ao consultar os agricultores durante a pesquisa de campo, observa-se que 84% dos entrevistados julga importante a participação em cursos com a finalidade de aprimorar a capacitação, e que cai para 66% a parcela dos produtores que já fizeram algum tipo de curso, voltados quase sempre aos processos produtivos, o que pode demonstrar falta de conhecimento sobre a importância da gestão para aumentar a eficiência da atividade ou o desinteresse em agregar conhecimento sobre administração da propriedade. À primeira impressão, a coleta, o processamento de dados, e a interpretação dos valores para uma gestão eficiente pode parecer ainda mais complexa para quem não domina o conhecimento, e o impacto gerado pode contribuir para a falta de interesse no assunto. Ao questionar sobre as contas da propriedade, 91% dos produtores afirma que não recebe auxílio para calcular os gastos e as receitas, ficando essas avaliações a cargo do produtor e de sua família. Afirmam também, a respeito do preço recebido pelos produtos, que em 97% dos casos são satisfatórios e remuneram os custos de produção, mas ao analisar os critérios de formação do preço, demonstrados graficamente adiante, percebemos que apenas uma pequena parcela da população amostrada admite avaliar os custos para utilizar essa informação na formação dos preços (Gráfico 07).

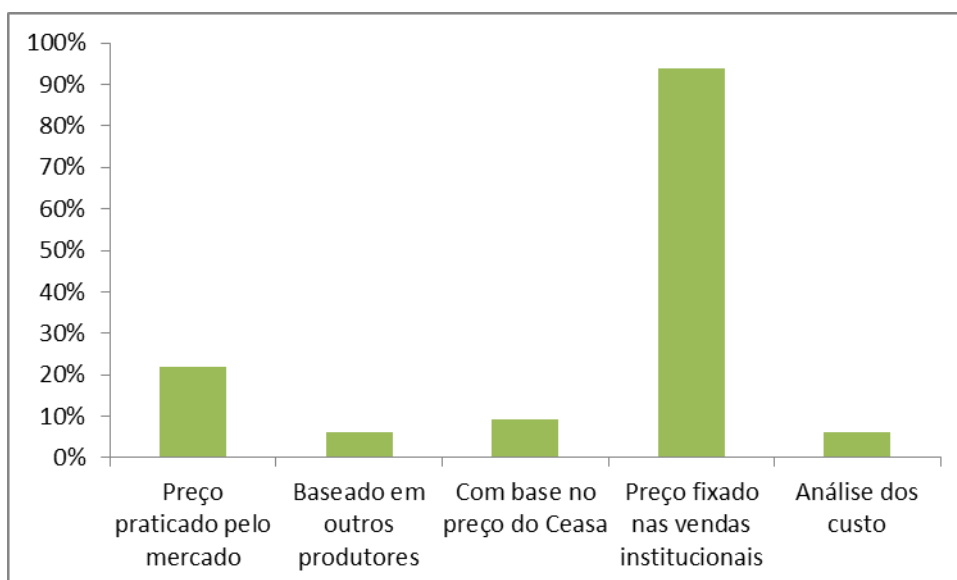


GRÁFICO 7 CRITÉRIOS ADOTADOS PELOS AGRICULTORES NA FORMAÇÃO DO PREÇO DOS PRODUTOS.

Menos de 10% dos entrevistados quantifica os custos e utiliza esse fator para auxiliar na tomada de decisão quanto ao preço, esse fato pode gerar dúvidas se o valor recebido de fato remunera a atividade, já que não há conhecimento do valor injetado efetivamente na atividade para confrontar as receitas. Embora o preço pago aos agricultores seja, em média, considerado satisfatório onde os produtos de maior valor compensam os de valor inferior equilibrando as receitas, sem uma análise de custos eficiente, fica comprometida também a eficiência da atividade e esta pode, em alguns casos não ser viável de fato.

5.7 O CASO DA LAPINHA ORGÂNICOS

Toda a produção é certificada por órgão participativo, no caso da região a Rede Ecovida, já que os responsáveis julgam que seja suficiente essa modalidade não havendo a necessidade de investir em uma certificação auditada, visto que a legislação não a exige para o comércio em território nacional e a empresa não destina produtos ao mercado externo.

Quanto às vantagens e desvantagens da produção orgânica, os responsáveis pela produção apontam como aspectos positivos a alimentação

saudável proporcionada pelos produtos que não levam fertilizantes químicos nem agrotóxicos, a saúde dos trabalhadores envolvidos no processo produtivo, a visão social da produção orgânica voltada ao bem estar dos consumidores, trabalhadores e desenvolvimento da agricultura familiar, além de aspectos ambientais como equilíbrio e sustentabilidade. Como pontos negativos citam a dependência da mão de obra que pode ser limitante a produção além da dificuldade de manter a fertilidade do solo devido à restrição dos insumos permitidos ao processo de produção orgânica, o controle de pragas e doenças mais oneroso já que não há possibilidade de utilizar o controle químico no manejo e por fim, questões relacionadas a falta de canais de comercialização frente a diversidade dos produtos e a logística que torna-se mais complexa devido ao modo de comercialização e à distância dos mercados alcançados. Quanto ao modelo de gestão da propriedade, esta é realizada como empresa, as questões administrativas e contábeis são realizadas por pessoal capacitado que domina o conhecimento de ferramentas de gestão. A formação dos preços de produtos é feita inclusive com base em técnicas como *mark up's*, garantindo a remuneração da atividade além de margens de lucro a atividade. Dessa forma conclui-se que apesar da estrutura familiar que forma a propriedade em questão não há possibilidade de analisá-la ao mesmo patamar dos agricultores familiares entrevistados durante a pesquisa de campo.

6 CONCLUSÕES

É importante que os agricultores familiares tenham condições de continuar fixados no campo, com qualidade de vida e incentivos para continuar produzindo, de modo que os mais jovens sintam-se motivados a seguir com a produção de hortaliças orgânicas, garantindo a continuidade dessa atividade no município.

Os órgãos de assistência técnica, também as associações, cooperativas e o poder público municipal, representado pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, devem buscar a elaboração de ações voltadas ao desenvolvimento do mercado e divulgação dos produtos oriundos da agricultura familiar.

A posição geográfica do município, dada a sua proximidade com a capital do estado e outras cidades com grande concentração demográfica, e também o seu reconhecimento como cidade turística, representa um ponto favorável a ser explorado na comercialização dos produtos.

As vendas institucionais representam o principal canal de comercialização de hortaliças produzidas pela agricultura familiar no município, nesse sentido, tem desempenhado papel fundamental na elaboração e encaminhamento de projetos destinados aos programas oficiais de comercialização dos governos federal e municipal.

A principal modalidade de certificação adotada pelos agricultores é a participativa, através da Rede Ecovida de Certificação Participativa, devido ao baixo custo frente à certificação adotada, já que também atende aos requisitos da legislação e tem reconhecimento em todo o território nacional.

Observou-se carência dos produtores por assistência técnica capacitada para elaboração de projetos para o financiamento de custeio e investimento, voltados aos programas de agricultura orgânica e/ou de base agroecológica, da mesma forma foi apontada a falta de entendimento do assunto pelos agentes financeiros.

Da mesma forma há carência de assistência técnica para auxiliar nas questões relativas a produção, como controle de pragas e doenças e o manejo da fertilidade, que são mais complexas nesse sistema produtivo, havendo a necessidade de desenvolver ações de capacitação e incentivo à assistência técnica voltada para esse setor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de hortaliças orgânicas e as agroindústrias familiares no município de Lapa-PR são atividades que vem ganhando destaque ao longo dos últimos anos, mas ainda há muito que ser feito para colaborar com o desenvolvimento dessas atividades, e dar suporte aos agricultores familiares que são os principais envolvidos no processo produtivo. Contribuir para o desenvolvimento dessas famílias, do cultivo orgânico de hortaliças e transformação de produtos da agricultura familiar pode significar tornar a Lapa uma referência nessas atividades, trazendo benefícios em termos de recursos, de desenvolvimento local e de aceitação, frente à visão social e a apreciação do cultivo orgânico pela mídia e pela população em geral.

Desenvolver esse a cadeia produtiva de hortaliças orgânicas no município contribui para a efetiva agregação de valor esperada para os produtos, evitando que e a produção oriunda desse sistema, mais oneroso e menos rentável quando comparado a sistemas convencionais de cultivo, deixe de proporcionar a sua maior vantagem aos produtores forçando-os a comercializar seus produtos concorrendo por preço com os grandes mercados.

Outro ponto a ser explorado para contribuir com o desenvolvimento da atividade é a vocação turística do município, com atrativos reconhecidos como o Centro Histórico, o Parque do Monge e também o Spa Lapinha, direcionar ações de marketing para esse público alvo pode representar um canal importante para alavancar a comercialização da agricultura familiar do município

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 6.323** de 27 de dezembro 2007. Regulamenta a Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003 que dispõe sobre agricultura orgânica e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-010/2007/Decreto/D6323.htm>. Acesso em 16/01/2016.

BRASIL. **Lei nº 10.831** de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre agricultura orgânica e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm>. Acesso em 16/01/2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa 07** de 17 de maio de 1999. Disponível em: <<http://www.amaranthus.esalq.usp.br/in007.htm>>. Acesso em: 16/01/2016.

CAPITANI, R. **Produção de assentados atenderá a 5 mil pessoas em 2015**. MST.org 2015. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2015/02/05/producaodeassentadosnoparanaatendera5milpessoasnoano.html>> Acesso em 26/08/2016.

CHAGAS C. J. **Formação e estruturação do Núcleo de Produtores Maria Rosa da Anunciação**. Lapa- PR,

CIDADE JUNIOR, H. A.; FONTE N. N. da; CAMARGO R. F. R. **Informações básicas sobre agricultura orgânica**. Curitiba: SENAR-PR 2007. 128 p.

DINIZ, P. R. **Conexões agroecológicas em rede: o diálogo entre alimentação escolar e agricultura familiar na Lapa –PR**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Segurança Alimentar e Nutricional, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

DRESCH, L.O.; ANDRADE, E.S. Evolução dos hábitos alimentares e a busca por alimentos saudáveis em Campo Grande / MS – identificação de tendências e potencialidades Trabalho Apresentado no 48. CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, Campo Grande, 2010.

EHLERS, E. **O que se entende por agricultura sustentável?** Dissertação (mestrado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental/USP, 1994.

EHLERS, E. **Agricultura Alternativa: uma perspectiva histórica**. Revista Brasileira de Agropecuária, 01, n.01, p.24-37, 2000.

FILB e IFOAM. **The world of organic agriculture: statistic & emerging trend** 2015. Relatório Técnico. 2015

GRAZIANO, X.; NAVARRO, Z. **Novo Mundo Rural: a antiga questão agrária e os caminhos futuros da agropecuária no Brasil**, São Paulo, Unesp, 2015.

IBGE. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2016**. IBGE, 2016. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_dou_2016_20160913.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2016.

IMLAU, J.M.; GASPARETTO, V. **Agregação de Valor: Estudo em uma Agroindústria Familiar de Hortifrutigranjeiros**. PERSPECTIVA, v. 38, n.142, p. 91-102, junho/2014.

IPD Orgânicos. **Pesquisa – O mercado brasileiro de produtos orgânicos**. Instituto de Promoção do Desenvolvimento (IPD), Curitiba – PR, 2011.

LAPA (Estado do Paraná). **Decreto Municipal Nº 17.753** de 06 de Dezembro de 2011. Regulamenta a Feira da Agricultura Familiar da Lapa PR. Lapa 06 de Dezembro de 2011.

LIMA, H.J.M.; SABINO, K.V. **Manual de Agricultura Orgânica**. Fortaleza. Instituto Agropolos do Ceará, 2011.

Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, MAPA. **Número de produtores orgânicos cresce 51,7% em um ano**. Brasília, 2015. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2015/03/numero-de-produtores-organicos-cresce-51porcento-em-um-ano>>. Acesso em 20/01/2016

Planeta Orgânico. **História da Agricultura Orgânica: algumas considerações**. Disponível em <<http://planetaorganico.com.br/site/?p=577&preview=true>> acesso em 15/01/2016.

SPANVELLO R. M.; **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 236 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p 17.

WESZ JUNIOR, V. J.; TRENTIN, I. C. L. (2005). **Desenvolvimento territorial com agroindústrias familiares**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, XLIII, Ribeirão Preto/SP, 2005. Anais... Brasília: SOBER.

ANEXO 1**Questionário para Avaliar o Panorama da Produção de Hortaliças em Sistema Orgânico e Agroindustrias familiares no município de Lapa – PR**

Data: / /

DADOS DO ENTREVISTADO:

1.Nome:

2.Idade:

3.Contato:

4.Estado Civil:

5.Naturalidade:

6.Quantas pessoas residem na propriedade? Todas trabalham na atividade agrícola?

7. Há quanto tempo está na atividade agrícola? Há quantos anos cultivando hortaliças?

8. Como o Sr. vê o futuro da produção agrícola? E a sucessão familiar na sua propriedade?

9. Sempre utilizou o sistema orgânico de produção para hortaliças? O que o motivou a escolher esse sistema?

10. Quais as vantagens o Sr. observa no Sistema Orgânico?

11. Quais as dificuldades em trabalhar no Sistema Orgânico?

12. Participa de alguma associação, cooperativa ou grupo de produtores? Quais?

DADOS DA PROPRIEDADE:

13. Localidade:

14. A propriedade é própria ? Há quanto tempo a possui?

15. Qual a área da propriedade? Qual a área ocupada, no momento, com hortaliças?

16. O Sr. possui áreas arrendadas? Qual o tamanho?

DADOS DA PRODUÇÃO:

17. O cultivo de hortaliças em sistema orgânico é a principal atividade?

18. Quais outras atividades são desenvolvidas na propriedade?

19. Quantos tipos de hortaliças aproximadamente são produzidos na área? Quais?

20. Por que o Sr. escolheu cultivar essas espécies?

21. Pretende cultivar alguma espécie diferente?
22. Utiliza mão de obra contratada? Por quanto tempo?
23. Quais equipamentos utiliza no trabalho com hortaliças?
24. Possui estrutura para armazenagem de equipamentos e produtos, ou para higienização e armazenamento da produção?
25. Possui certificação? Qual (is) e qual modalidade?
26. Pretende adquirir alguma nova certificação? Por quê?
27. As propriedades ao redor interferem na sua produção? De que forma?

DADOS SOBRE CRÉDITO E INVESTIMENTO

28. Pretende realizar algum investimento na propriedade? Qual?
29. Possui acesso a alguma linha de crédito ou a atividade é financiada somente com recurso próprio? Se sim qual linha de crédito?
30. Na sua opinião, qual a maior dificuldade no acesso a linhas de crédito e financiamento?

DADOS SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO

31. Onde o Sr. comercializa a sua produção?
32. Quais vantagens e/ou desvantagens o Sr. vê em vender seus produtos dessa forma?
33. Participa de programas oficiais de comercialização como o PAA, PNAE ou merenda escolar?
34. Quais vantagens e/ou desvantagens o Sr. vê em participar desses programas?
35. Qual a dificuldade em acessar os programas oficiais de comercialização?

DADOS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DOS PRODUTOS

36. Vende os produtos somente na forma in natura, ou realiza algum tipo de processamento ou transformação?
37. Se sim onde é feita a transformação dos produtos?
38. Na sua localidade, grupo de produtores, ou cooperativa existe alguma agroindústria, cozinha comunitária, ou estrutura onde possa ser realizado o beneficiamento e transformação dos produtos?
39. O Sr. vende ou direciona alguns de seus produtos para alguma agroindústria?
40. Acredita que a transformação dos seus produtos poderia trazer vantagens na hora da venda?

41. Existe algum incentivo da cooperativa, associação ou grupo de produtores para formação de uma agroindústria, ou outra estrutura para beneficiamento e transformação dos produtos?

42. Quais dificuldades acredita que possam existir para a construção de uma pequena agroindústria na sua região?

43. Como vê o incentivo a financiamento e linhas de crédito para investimentos em infra-estrutura para o beneficiamento e transformação de produtos?

DADOS SOBRE A GESTÃO DA PROPRIEDADE:

44. Já participou de algum curso de capacitação na área de produção ou gerenciamento do seu negócio?

45. Possui algum auxílio com as contas da propriedade?

46. Acredita que a participação em algum curso poderia trazer benefícios para a gestão da propriedade e para a produção? Qual tipo de curso acharia interessante?

47. Quais informações leva em conta na hora de formar o preço dos seus produtos?

48. Esse preço cobre realmente todos os seus custos de produção?

COMENTÁRIOS SOBRE A PESQUISA: